

PASSEIOS

Andre Pietsch Lima¹

Katia Maria Kasper²

Gabriela Tóffoli³

Resumo: Entre a escrita e a metrópole procura-se um não-lugar entre o texto e sua individuação e que desvie da linguagem como aparelho de comunicação em sua consagrada função de produção de conhecimento. Ao colher variações entre imagens, sons e sentidos, experimenta-se uma cartografia com cenários sonoros e visuais, no jogo da interpenetração e do acontecimento, criando artefatos entre os vãos da cidade.

É inútil determinar se Zenóbia deva ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes. Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados.
(CALVINO, 1990, p. 59-60)

Há pelo menos duas cidades: em algum lugar, em nenhum lugar: cidades na cidade.

*

A cidade acorda, barulha. Sons dos bueiros. Sinos talvez balancem com o vento. Burburinhos nas esquinas. Retalhos de diálogos atçam os ouvidos. Vozes que vêm de lugar algum. Ruídos de motores ganhando volume e intensidade.

*

Antenas despontam no horizonte. Um raio de sol atravessa a janela e ilumina a máquina de escrever. Folhas brancas soltas. Som de alarme disparado.

*

Ruas paralelas, perpendiculares, obtusas, como um grande sistema circulatório. Fluindo pelas veias e artérias da cidade, massas humanas vêm e vão. Gente que anda rápido, mesmo enquanto aguarda. Malabaristas nos sinaleiros. Gente que caminha pelas ruas. Gente que pára e bate os pés impacientes diante das vitrines, nos bancos, nos mercados, nos açougues. Gente que segura senha. Gente na fila da lotérica, aguardada pela felicidade. Gente que, num instante de loucura, ameaça evadir da fila.

*

Cidade em obra. Contornos e alturas. Cinzas. Batem marretas, martelos. A esmerilhadeira rasga os ouvidos da metrópole. Betoneiras. Guindaste suspenso. E os andaimes pingentes, jogos de armar. Enormes véus transparentes envolvem paredes inteiras de edifícios. Com o vento, eles se movem, dançando entre as paredes e o ar. Uma poeira cósmica desce e enlaça tudo o que passa. Tudo está levemente empoeirado, opaco.

*

¹ Professor do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: andrepietschlima@gmail.com.

² Professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná: E-mail: katiakasper@uol.com.br.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná. E-mail: gabrielatoffoli@gmail.com.

Uma jovem caminha mastigando pão quente, crocante. Carrega um grande saco de pão na mochila. Afasta-se cada vez mais do centro, passando a ser acompanhada por um bando de viralatas que, aos poucos, vão ganhando, eufóricos, restos de pão. Outros chegam. *Mon Oncle?* E então já estão nas fronteiras da cidade, tomados por terrenos baldios e matos crescendo vigorosamente.

*

Um gato sobre o muro. Casa em ruínas, muros derrubados, porta tombada. Pessoas entram e saem. Outros gatos circulam pelas frestas e vãos do lugar. A umidade da parede, o mofo azul acinzentado. Rachaduras. Cheiro de mato. Sons de cortadores de grama desenhando um lugar. Cidade limpa, cidade organizada, cidade modelo, cidade que não existe para além das bordas de um cartão postal.

*

Caminhões de lixo circulam. O Ar está rarefeito, opaco. A metrópole está obstinada pelo destino.

*

Na esquina, atirada na calçada, a poucos passos de um banco, a humanidade corroída, com panos por cima como um cão morto coberto. Maltrapilhos, inválidos em meio às multidões. Falta de tudo. Do outro lado da rua os movimentos de um andarilho gesticulando e falando sozinho, movendo os olhos solitários com rapidez, interpelando os homens de negócios ativamente envolvidos consigo mesmos, erguendo e desmoronando seus próprios empreendimentos. Nos andares de cima, os funcionários em burocracias contabilizam as angustias das elites metropolitanas. Vestem ternos sob medida, relógios que resistirão ao tempo, gravatas e sapatos requintados, dirigem luxuosos automóveis.

*

Sentados à beira do lago os pequenos lançam pedras que ressoam círculos. Peixes espreitam dando beijinhos na água.

*

Em meio a tantas cidades, esta produz o torto, o cambaleante, o polido e o defeituoso, a tosse e a corcunda. Entre o velho encurvado no degrau da escada, o garoto chupando picolé, o gari espetando a papelada, o vendedor de ouro, o adivinho, a escritora de cartas e os absurdos do espetáculo do homem, o olho da cidade paira sobre ela mesma, flutuando entre os turbilhões dos comércios e o mar de cabeças.

*

No cárcere do preso político, cartas, cartas, cartas atravessam as frestas. Cartas de amor arranham, raspam as paredes. Tomam conta dos corredores e do saguão de entrada. Inundam a guarita. Amontoam-se no pátio. Banho de sol com cartas, almoço com cartas, jantar com cartas, visitas de cartas.

*

Sobrevôo do olho: teia de caligrafia, toda uma histologia de cruzamentos, de complexa geografia de caminhos pavimentados, de fios, de luzes, de relevos e depressões. A cidade casa de detenção. A cidade cadeia de explosões.

*

Um vulto atravessa a avenida. Entre árvores e paralelepípedos, o som da chuva torrencial. Saltos altos ecoam no meio fio, os passos acelerando, a roupa molhada, colando no corpo. A avenida cada vez mais vazia e úmida. Uma buzina, uma freada brusca. Barulho de água escoando nas calhas. Delicadeza das gotas umas nas outras, umas das outras.

*

Pipa colorida no céu, ao longe. Gritinhos de crianças. Enxame de abelhas, zumbidos.

*

Havia no centro da cidade uma praça onde crianças pedalavam bicicletas pelas subidas, curvas, contornos e descidas de paralelepípedo. A praça fora cercada com uma grade. Pendurada nos metais, uma placa: proibido entrar. No meio, uma igreja de pedra e vitrais coloridos. E os padres em rondas.

*

Crepúsculo. Subindo a rua, apressada, a esposa suicida escuta mais do que pode suportar. Retalhos de diálogos impertinentes atíçam seus ouvidos. Ela encontra aliados, como quando escoo a água de uma represa. Incontrolável. Ouvir juntos as vozes que seguem. Vozes que vêm de lugar algum.

*

Entrando numa loja de artigos de vestuário, o rapaz experimenta o xale, a jaqueta marrom e a calça sóbria. Tudo, pensou, seria diferente se se vestisse assim. Depois, o paletó confortável e o calçado lustroso. Ou assim. Exibe-se ao espelho com o pingente dourado pendurado no pescoço. A bermuda. A camiseta descolada. O tênis mais caro. Fast-food, pastel, hot-dog, calça Levis. *A way of life*. A jovem do outro lado da rua experimenta um creme para sua pele ainda sem rugas. Compra vitaminas. Cheira sabonetes e perfumes. Atira o olhar para o vestido de uma festa inesquecível e para as jóias de ouro com diamantes trabalhados. Deleita-se com a imortalidade de sua beleza. A vida seria ainda diferente se, por exemplo, tivessem o vaso chinês da vitrine sobre a mesa delicadamente ornada, o lustre turco pendurado no teto, a mesa de jantar de peroba maciça, o sofá confortável revestido de seda, a poltrona massageadora e um automóvel arrojado.

*

Entro num pequeno estabelecimento, cheiro de pão e de café, e aqui recupero o frágil equilíbrio ante os esplendores e adversidades da cidade. Digo “frágil”, pois devo sorrir já que estou sendo filmado.

*

Acalmar os ânimos, sentar-se novamente naquele recinto com poltronas gastas, algo familiar. O lustre antigo com as marcas do tempo que vi e que não vi passar. Na mesa à frente, um olhar vindo de outros tempos, de outros lugares. Sentia-me mais ali do que aqui. As pernas cruzadas faziam com que o joelho fosse marcado com círculos rosados. Ficou entretida algum tempo circulando a borda da xícara com o dedo indicador. Ela já não se vê em oposições. Um café, por favor, sem leite e sem açúcar. Um quindim. E ela já havia ido. Um resquício do permanecer? Dominar espaços e desejos obscuros e luminosos. *Non sense*. Seus ouvidos não dão descanso. A barulheira noturna. A xícara cai, cacos ao chão. O tecido da blusa ganha manchas marrons, degradê. O café quente desperta a pele.

*

Perambula na procura de ruas e esquinas de outrora. Estão suspensas. Quase como uma cidade borrada na mesma cidade. Os sons confundem.

*

A clareza do dia supõe que as coisas andam mais calmas, à espera da agitação descontrolada da noite. Como as perninhas de um grilo que se encontra na concha de uma mão. Gritos altos escapam dos sons que os seguiam. De onde vêm?

*

Na praça salpicada pelas luzes da lua gigante artistas se reúnem para apresentar um cabaré. Roupas brilhantes, luzes de segurança presas aos corpos em retângulo. As pessoas chegam lentamente, agrupam-se, curiosas. São perigosos! Senhoras e senhores apresentamos nessa noite uma cidade do sul. Percebam, ao olhar para o horizonte, que tudo é espetáculo. Luar, nuvens, prédios, ruas planejadas por uma equipe eficiente de cenografia. Disseram ainda que atrás desses prédios não existe nada mais do que linhas que se cruzam nesse espetáculo que é apenas o que podemos

oferecer. No centro da grande praça, grupos de pessoas dormem ao relento. Outras murmuram. Odor de erva queimada. Um rapaz sai do escuro, do meio da praça e pede três reais - o que lhe falta para comprar comida. Alguns olham, outros ignoram. Segue o espetáculo.

*

A cidade: ferida aberta. Alguém dorme sobre o banco da praça. Sonha embalado pela brisa. O vigilante noturno assobia. A cidade adormece.

Referências

BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. Trad. brasileira de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *A preparação do romance I*. Trad. brasileira de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *O rumor da língua*. Trad. brasileira de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHÉLEMY, Jean-Hugues. *Penser l'individuation: Simondon et la philosophie de la nature*. Paris: L'Harmattan, 2005.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. brasileira de Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

MACÉ, Marielle. *Barthes et l'individuation: "La vie comme phrase"*. Disponível em: <<http://www.diffusion.ens.fr/index.php?res=conf&idconf=2023>>. Acesso em: 22/08/2018.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. Trad. brasileira de Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999.